

COMO SER UM CRISTÃO NO MUNDO

Normalmente, nós consideramos a paixão por servir ao Senhor como uma paixão por missões, evangelismo e envolvimento nas atividades e nos ministérios da igreja institucional. Precisamos considerar a possibilidade de que servir ao Senhor signifique um compromisso renovado para desempenhar a função à qual fomos chamados com maior excelência, em vez de abandoná-la para seguir outro chamado.

Alguns cristãos têm dificuldade para entender a sua relação com o mundo porque percebem a terra como um reino governado por Satanás; portanto, parece que é melhor concentrar-se no evangelismo e no crescimento espiritual particular do que se envolver com uma atividade secular. Mas como podemos nos tornar “cristãos seculares” no melhor sentido da expressão? Talvez fosse útil observar a herança que temos do cristianismo evangélico, não porque não houvessem grandes exemplos de fidelidade a essa missão mundial antes da Reforma, mas porque esse movimento restaurou a piedade que abarca e afirma o mundo que está claramente exposta nas Escrituras Sagradas.

Martinho Lutero sabia que compreender que a aceitação do pecador por um Deus santo era resultado de uma “justiça alheia” necessariamente levaria a revoluções nos relacionamentos humanos. Libertado do foco interno, o crente estava livre para tomar o mundo como uma atividade espiritual e piedosa, em vez de separar-se dele com o entendimento distorcido de que ele estava desse modo se separando do pecado. “Pois até mesmo na cela de monge”, Lutero lembrava, “eu ainda tinha aquele malandro (sua própria natureza pecaminosa) ali junto comigo”. Quando as pessoas leigas comuns descobriram esse evangelho, elas foram de tal modo revolucionadas por ele que queriam fazer tudo o que podiam para promovê-lo. Longe de levar à lassidão moral, ele inspirava zelo onde antes havia apatia. De fato, um sapateiro perguntou a Lutero o que ele deveria fazer agora que conhecia o evangelho. Qual deveria agora ser o seu chamado? Essa era uma pergunta óbvia para uma pessoa medieval que fora educada para achar que uma grande experiência religiosa requeria devoção especial em termos de um chamado sagrado. A resposta do reformador foi surpreendente para o sapateiro, do mesmo modo que surpreenderia muitos de nós hoje: “Faça um bom sapato e venda-o pelo preço justo”. Quando lhe perguntaram o que faria se ele soubesse que Cristo estava voltando no dia seguinte, Lutero respondeu: “Eu plantaria uma árvore”. Em outras palavras, Deus se agrada da nossa atividade comum e fiel neste mundo, de tal modo que Lutero não achava que teria que estar em oração ou “exercícios espirituais” no momento da volta de Cristo para receber a sua bênção.

Os reformadores não apenas amaldiçoaram as trevas; eles estavam decididos a trabalhar de maneira positiva para o bem do próximo e para a glória de Deus. Eles tomaram o estandarte e elevaram os padrões para toda uma época, em vez de simplesmente lamentar as condições e propor legislação. Isso estava longe de ser perfeito, mas foi uma experiência notável com relação ao que pode ser feito quando o povo de Deus é libertado pelo evangelho para o bem do seu próximo e para a glória do seu Redentor. Porém, esse testemunho evangélico, naturalmente, não terminou com os séculos 16 e 17, assim como não começou com eles.

Abraham Kuyper (1837-1920), cuja carreira começou como um pastor liberal na Holanda, depois de formar-se em teologia pela Universidade de Leiden, foi chamado por uma pequena

paróquia do interior, onde vários dos seus paroquianos o levaram a converter-se à fé ortodoxa em Cristo. Daí em diante, ele tornou-se pregador popular em Amsterdã, desafiando o liberalismo com uma argumentação sólida, tornando-se editor do jornal *De Standaard*, e depois, acrescentando à sua vida já ocupada, membro do Parlamento holandês. Kuyper se consagrou ao chamado de estadista e fundou o Partido Antirrevolucionário, um sistema nacional de escolas cristãs e a Universidade Livre de Amsterdã, onde, no seu discurso inaugural, ele declarou: “Não existe uma só polegada, em todo o domínio da nossa vida humana, da qual Cristo, que é soberano sobre tudo, não proclame ‘Meu!’”

A dedicação de Kuyper aos princípios democráticos não foi aceita por muitos de seus colegas, e o seu compromisso com os direitos civis dos trabalhadores o alienou de muitos dos seus correligionários do seu próprio partido. Apesar dessas diferenças, Kuyper recebeu o título de doutor honorário da universidade de Princeton em 1898, e tornou-se Primeiro-ministro da Holanda três anos depois. Após a sua carreira oficial, Kuyper assumiu o papel de dignatário de estado e escreveu muitos livros sobre uma variedade de assuntos sobre os quais ele parecia ter um conhecimento enciclopédico, tendo escrito livros sobre arte, as estradas de ferro, viagens e a crise de autoridade cultural que estava se anunciando no Ocidente.

Uma das contribuições importantes de Kuyper foi a sua insistência em que os cristãos na política servissem à nação como um todo e que não apenas promovessem o próprio bem. O “povo pequeno”, uma das expressões favoritas de Kuyper, era na verdade o grande povo ao qual o magistrado deve servir com diligência singular. Portanto, Kuyper foi capaz de entrar no que tinha se tornado um ambiente pluralista, apoiando as liberdades de todos os cidadãos holandeses e imigrantes, enquanto incentivava o progresso de cada grupo, libertando-os para que pudessem seguir de acordo com as suas próprias esperanças, línguas, tradições culturais e fé religiosa. Foi nesse ambiente que o Cristianismo floresceu novamente naquela nação, embora não sem um bom número de problemas dentro das próprias igrejas.

Contudo, Kuyper fez versões “cristãs” de muitas coisas do mundo: escolas, jornais e partidos políticos cristãos tendiam a obscurecer a confiança protestante anterior no âmbito da natureza como possuindo luz e justificativa suficientes para a sua existência, sem ter de ser organizado especificamente como cristã. Esse espírito *kuyperiano* tornou-se especialmente atraente em alguns círculos da América do Norte, porque ele abarca o mundo e rejeita a retirada carola da sociedade; contudo, não se pode concluir rapidamente demais que seja possível encontrar uma filosofia, uma teoria política ou uma estética que seja distintamente “cristã”. Se estas estão realmente dentro do âmbito da graça comum e da revelação natural, não exigem uma explicação especificamente cristã. Procurar por uma tende apenas a polarizar os cristãos em contraposição aos não cristãos até que os crentes sejam novamente exilados da praça pública e forçados a seguir a sua filosofia “cristã” dentro dos seus próprios guetos espirituais.

Em algumas formas do pensamento de Kuyper há também um perigo em termos de confundir o senhorio de Cristo na redenção (ou seja, sobre a sua igreja) com o senhorio de Cristo sobre a criação. Se, por exemplo, um líder evangélico se levantasse esta semana e declarasse, nas palavras de Kuyper, que “não existe uma só polegada, em todo o domínio da nossa vida humana, da qual Cristo, que é soberano sobre tudo, não proclame ‘Meu!’”, a mídia secular provavelmente tomaria essas palavras como uma tentativa de impor a fé cristã sobre toda a sociedade. No entanto, o próprio Kuyper não se referia a um golpe religioso, mas estava destacando o senhorio de Cristo sobre “todo o reino da nossa vida humana” – em outras palavras, a vida dos crentes deve ser regulamentada e regida pela vontade revelada de Deus, não apenas nos domingos, mas às segundas feiras também.

Cada pensamento tem que ser levado cativo a Cristo, declarou Paulo. Todos os homens e mulheres deveriam se curvar ante o reino de Cristo sobre toda a vida, mas somente os crentes farão isso – até o último dia, quando todo joelho se dobrará e toda língua confessará “que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus pai” (Fp 2.10-11). O pluralismo religioso contemporâneo torna anacrônicas todas as tentativas de “cristianização”; contudo, ainda há muito que permanece útil.

No final da sua vida, Kuyper tinha aberto caminho para uma Igreja Reformada Nacional que recuperou a sua ortodoxia e fé vivas, havia iniciado um sistema nacional de escolas cristãs, e servira àqueles que se encontravam além do escopo do Cristianismo como primeiro-ministro.

Muitos outros deixaram a sua marca no mundo. David Livingstone, grande missionário e explorador, trabalhou infatigavelmente para acabar com o comércio de escravos na África, enquanto o Primeiro-ministro britânico, William Wilberforce e seu círculo de amigos cristãos no governo finalmente acabaram com essa terrível instituição. Vemos o mesmo impulso na tímida e modesta Corrie ten Boom, bem na vida de incontáveis outros cristãos da resistência holandesa, que esconderam judeus nas suas residências e lojas, colocando em risco a própria vida. Quando o oficial japonês que lançou o ataque sobre Pearl Harbor se converteu a Cristo e abraçou o oficial americano – ele também cristão – que estivera no comando durante o ataque, esse espírito de abraçar o mundo estava vivo e bem.

Heróis incontáveis simplesmente cumprem seus deveres com vistas à glória de Deus e ao serviço da família e do próximo. Muitos daqueles a quem eu me referi são europeus, com referência especial à Reforma protestante, e isso somente porque foi um movimento que recuperou muito da percepção que traz uma nova compreensão a respeito do nosso lugar neste mundo. Essa mensagem tem feito com que incontáveis homens e mulheres de todas as nações, que em si mesmos são pequenos aos olhos do mundo, grandes no reino de Deus. Mas ela produziu também muitos dos benefícios culturais que fazem do nosso mundo um lugar melhor, no qual ouvir a melhor notícia de todas, as novas que obscurecem, por comparação, todas as nossas maiores aquisições na cultura.

O cristão e a cultura, Michael Horton, Editora Cultura Cristã.

(Adaptado)